

Desempenho

Dezembro de 2021

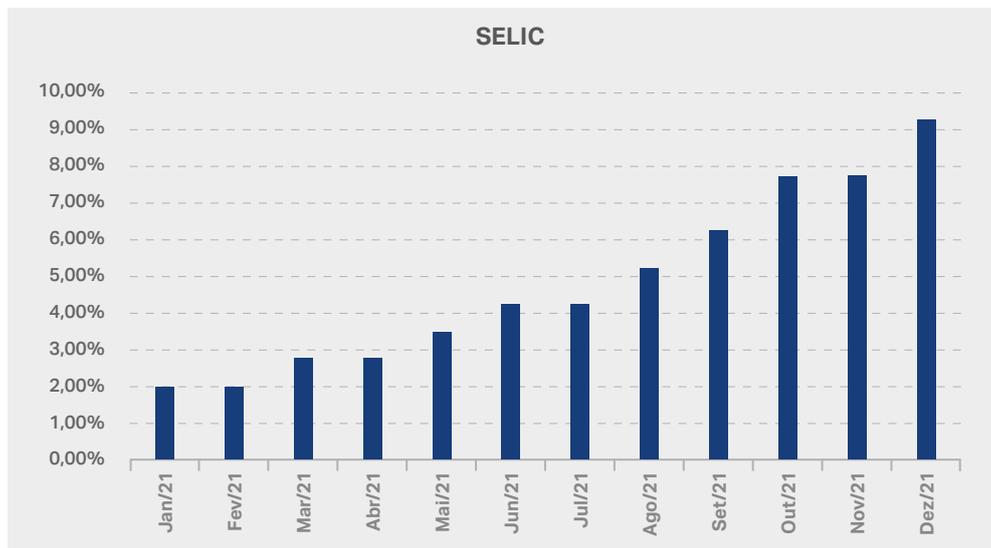
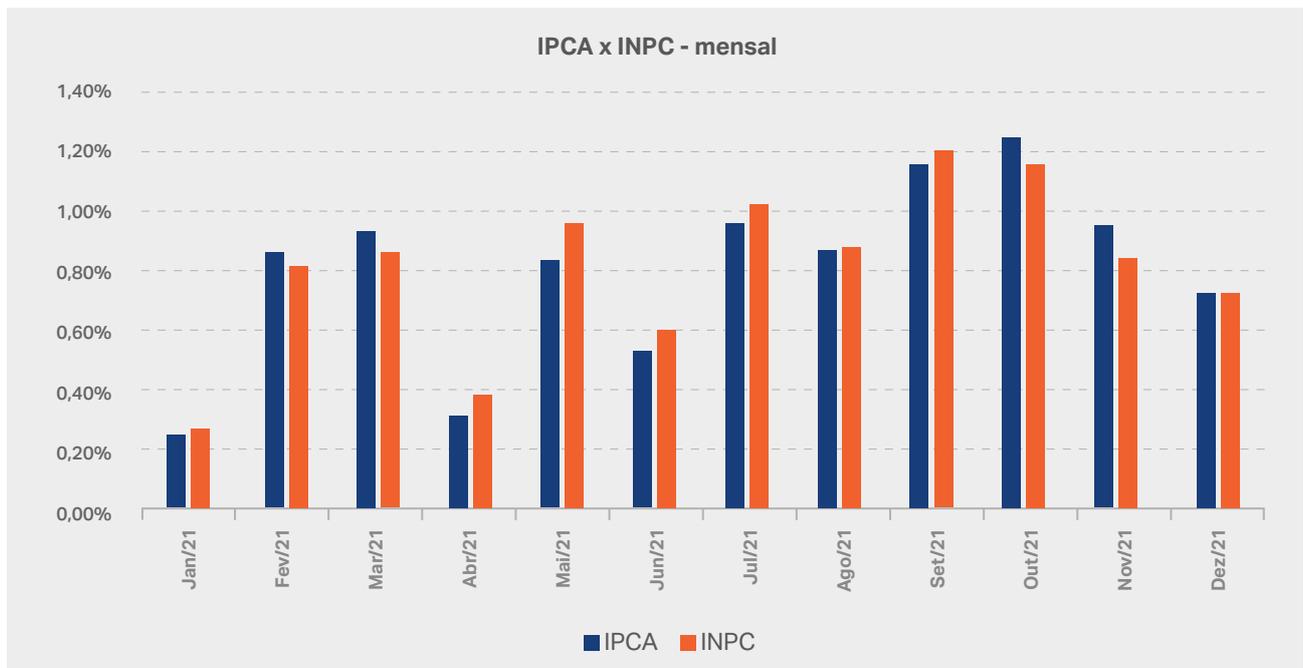


O mês de dezembro foi marcado pelo avanço da nova variante da Covid, Ômicron, que seguiu apresentando evolução significativa no número de casos ao redor do mundo, mas com número de internações e óbitos bem inferiores aos causados por variantes anteriores. Ao final do mês, observa-se em determinadas regiões um início de estabilização no número de casos, mas nos EUA, por exemplo, com número ainda em ascensão. Apesar do ritmo mais agudo de contágio, eventuais restrições à locomoção da população não ocorreram, o que garantiu melhor fôlego aos mercados e economias.

O FED (Banco Central Americano) mantém em seu radar de discussões uma possível redução do seu programa de compra de ativos, diminuindo os incentivos econômicos, bem como o crescimento do debate acerca do aumento de juros, esperado para 2022. Uma vez que a inflação americana demonstra, de fato, que veio para ficar e a economia cresce de forma robusta, com previsão de 4% em 2022, o FED deverá aumentar os juros antes do previsto, visando a acomodação dos preços. O crescimento dos juros nos EUA, implica a necessidade de juros mais altos em outros países, como o Brasil.

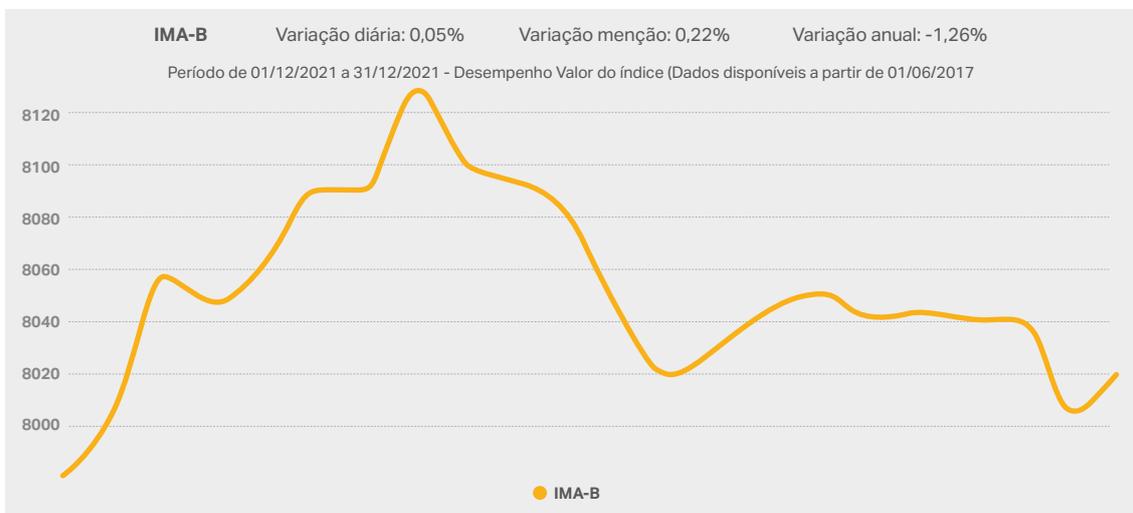
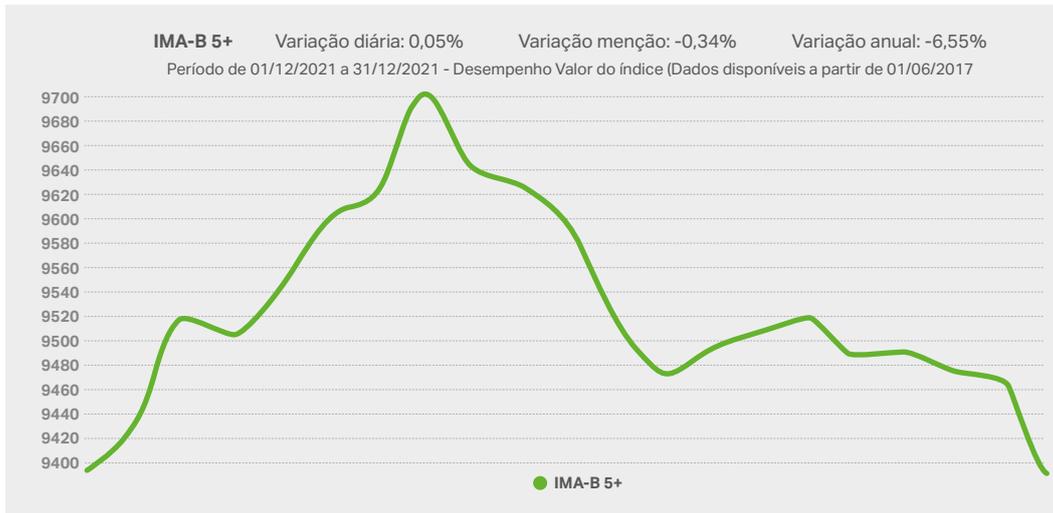
No cenário político-econômico nacional, continuamos a ter um mês turbulento, com intensificação dos temas que já eram debatidos nas semanas anteriores, como a pauta fiscal, que foi mais uma vez destaque no noticiário, com a votação do orçamento para 2022. Parlamentares pressionam por maiores gastos, seja via prorrogação da desoneração da folha de pagamentos ou discussões sobre os valores de auxílio governamental, gerando incertezas sobre a trajetória da dívida pública e sua sustentabilidade, o que traz volatilidade nos mercados de renda fixa, variável e de câmbio.

Por outro lado, observa-se um arrefecimento da pressão inflacionária dos meses anteriores, conforme mostra o gráfico abaixo. Isso leva o mercado a crer que o pior pode ter ficado para trás, muito em função do reflexo do rápido aumento da Selic nos últimos meses, atualmente em 9,25%, sendo que analistas e consultores ainda projetam novos aumentos ao longo de 2022.



A taxa Selic mais alta, aliada às incertezas locais geradas pela pandemia, ano eleitoral e outros aspectos, têm feito o mercado projetar um crescimento mais baixo da economia para 2022, que segundo a última projeção elaborada pela Pesquisa Focus do Banco Central está torno de 0,29% de alta do PIB para 2022, muito baixo para a economia brasileira e necessidade de crescimento do País.

Diante deste contexto, o mercado de juros (renda fixa e títulos públicos) deve continuar apresentando grande volatilidade. Em dezembro, segundo o índice de mercado Anbima (IMAB e IMAB 5+), uma carteira de títulos públicos (semelhante à posição da Funssest) marcadas a mercado apresentou grande variação, como podemos ver nos gráficos abaixo. O movimento é semelhante ao ocorrido nas carteiras dos planos marcadas a mercado na Funssest.



Já para a renda variável e outros ativos de risco, o comportamento foi o mesmo: muita instabilidade, com os investidores preocupados com o cenário local e internacional, refletindo-se também nos ativos de mais risco das carteiras da Entidade, como demonstra abaixo o gráfico do desempenho do Ibovespa diário ao longo do mês, seguindo o padrão de comportamento ao longo de 2021.



A despeito deste contexto e cenário conturbado, não deixamos de estar atentos às oportunidades em diversos segmentos de aplicação previstos na Política de Investimentos da Entidade. Compras de títulos públicos e privados aproveitando a abertura de taxas, alocação em fundos de participação e com retornos vinculados às metas de retorno da Funssest, entre outros investimentos, aliados ao acompanhamento de perto da estratégia dos gestores e fundos que alocamos, têm sido a tônica constante na gestão de investimentos, buscando não só o retorno, mas também amenizar a volatilidade que os investimentos têm apresentado.